

# VIII CONFERÊNCIA DE MIIS

MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E INTERVENÇÃO SOCIAL



## Livro de Atas

8.ª Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social

### Ócio, Jogo e Brincadeira: Aprendizagens e Mediação Intercultural



Ricardo Vieira  
José Carlos Marques  
Pedro Silva  
Ana Maria Vieira  
Cristóvão Margarido  
Rui Matos

(Orgs.)

**Ócio, Jogo e Brincadeira:  
Aprendizagens e Mediação Intercultural**

**8.<sup>a</sup> Conferência Internacional  
Mediação Intercultural e Intervenção Social**

**Conferência realizada a 27 e 28 de novembro de 2020**

**Livro de Atas**

## Ficha Técnica

**Título:** Livro de Atas:

8.ª Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social – Ócio, Jogo e Brincadeira: aprendizagens e mediação intercultural.

**Organizadores:** Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos

**Edição:** CICS.NOVA.IPLeiria e ESECS.Politécnico de Leiria

**ISBN -** 978-989-8797-57-5

Abril de 2021

Os textos incluídos neste livro foram objeto de avaliação científica pela Comissão Científica da Conferência.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa e pela ESECS.IPLeiria.



Centro Interdisciplinar  
de Ciências Sociais  
CICS.NOVA.IPLeiria



ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIAS SOCIAIS



## **Comissão organizadora**

Ana Maria Vieira, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Cristóvão Margarido, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

José Carlos Marques, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Pedro Silva, CIIE, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Ricardo Vieira, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Rui Matos, CIEQV e Instituto Politécnico de Leiria

## **Comissão Científica**

Abílio Amiguinho, Instituto Politécnico de Portalegre  
Amélia Lopes, Universidade do Porto  
Américo Peres, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
Ana Camões, Instituto de Estudos Superiores de Fafe  
Ana Maria Vieira, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Ariana Cosme, Universidade do Porto  
Catarina Mangas, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Cláudia Luísa, Universidade do Algarve  
Cristiana Madureira, Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins (mediadora socioeducativa)  
Cristóvão Margarido, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Dália Costa, Universidade de Lisboa  
Encarnacion Bás Penha, Universidade de Múrcia  
Esperança do Rosário Jales Ribeiro, Instituto Politécnico de Viseu  
Evangelina Bonifácio, Instituto Politécnico de Bragança  
Filipa Coelho, Instituto Superior de Ciências Educativas, Odivelas  
Florbelá Gandra, ESE Paula Frassinetti  
Isabel Baptista, Universidade Católica Portuguesa  
João Ruivo, Instituto Politécnico de Castelo Branco  
José António Caride, Universidade de Santiago de Compostela  
José Carlos Marques, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Leonor Teixeira, Instituto Politécnico de Santarém  
Luís Alcoforado, Universidade de Coimbra  
Manuel Sarmento, Universidade do Minho  
Maria Helena Mesquita, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Maria João Hortas, Instituto Politécnico de Lisboa  
Miguel Prata Gomes, ESE Paula Frassinetti e Instituto Politécnico de Leiria  
Paulo Delgado, Instituto Politécnico do Porto  
Pedro Silva, CIIE, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Ricardo Pocinho, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Ricardo Vieira, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Rita Gradaille Pernas, Universidade de Santiago de Compostela  
Roberto Macedo, Universidade Federal da Bahia  
Rosa Novo, Instituto Politécnico de Bragança  
Rui Matos, CIEQV e Instituto Politécnico de Leiria  
Rui Pinto, Instituto Politécnico do Porto  
Rui Santos, CICS.NOVA.IPLeia e Instituto Politécnico de Leiria  
Rui Trindade, Universidade do Porto  
Sandra Antunes, Instituto Politécnico de Viseu  
V́ctor Arufe Giráldez, Universidade da Corunha  
Victoria Pérez de Guzmán Puya, Universidade Pablo de Olavide  
Xosé Manuel Cid, Universidade de Vigo

## Índice

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO 1. Conferência de Abertura, Mesa Redonda e Workshops .....	11
Educar para o Ocio: un Desafío Comunitario .....	12
Brinquedos Populares: um Património Inspirador e sem Fronteiras .....	19
Gaming, Simulação e Mediação Intercultural .....	27
O Mediador como Provocador Motor.....	35
CAPÍTULO 2. Jogos Eletrónicos e Dispositivos Digitais.....	40
Os jogos eletrónicos como dispositivos mediadores: caminhos possíveis para formação de licenciandos numa universidade pública do Brasil .....	41
Jogos eletrônicos violentos: uma catarse ou um detonador de violência? .....	51
CAPÍTULO 3. Ócio, Jogo e Brincadeira: Potencialidades Educativas.....	60
Ócio, jogo e brincadeira: que potencialidades? Que desafios? .....	61
Jogos e brincadeiras no horário livre: processos educativos em construção.....	70
Bumba meu boi: uma reflexão das danças do brasil .....	77
CAPÍTULO 4. Jogos, Saúde, Identidades e Inclusão.....	88
Projeto jogamos tudo, brincamos todos: o arranque.....	89
Intervenção psicomotora com crianças com perturbação do espectro do autismo: resultados preliminares de uma revisão sistemática .....	98
O “Poder” brincar: O espaço da brincadeira na reabilitação da criança com deficiência ..	106
ProLearn4ALL: a brincadeira e o jogo a favor da construção de recursos lúdico-pedagógicos inclusivos.....	111
Un acercamiento a la juventud con discapacidad desde el aprendizaje en el ámbito del ocio .....	120
CAPÍTULO 5. Jogos Didáticos e Experiências Escolares .....	128
O jogo educacional Multipli enQuanto atividade lúdica e de aprendizagem matemática ..	140
Explorando o ócio criativo a partir das histórias em quadrinhos .....	151
Atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem.....	157
Jogos didáticos - uma nova perspectiva de ensino .....	164
Jogos e ensino: <i>Um novo panorama para o ensino-aprendizagem</i> .....	174
O círculo mágico na sala de aula: “os lusíadas” em board game.....	184
CAPÍTULO 6. Ócio, Jogo e Brincadeira: Populações Adultas e Relações Intergeracionais .....	194
El ocio y sus beneficios para las personas mayores ante el nuevo escenario demográfico	195
Adultos brincantes: o lúdico que permeia o viver .....	202
Projeto mãos da terra: .....	212
Jogo sementes de saber entre gerações .....	212

Músicos com + de 90 anos. Estudo de caso .....	220
A(voz) e netos .....	230
CAPÍTULO 7. O Jogo e o Brincar em Tempo de Pandemia .....	239
O brincar intercultural de crianças imigrantes durante a pandemia no Rio de Janeiro .....	240
Ócio cultural-digital: família <i>em</i> cena conectada em tempos-espacos de isolamento social/covid19 .....	250
Juego y covid-19 en el contexto español.....	260
Brincar no jardim de infância em tempo de covid-19: o que mudou na percepção da criança? .....	267
CAPÍTULO 8. Jogo e Investigação.....	276
O jogo da investigação antropológica .....	277
O jogo e a brincadeira como instrumento pedagógico promotor da qualidade no campo da prática pedagógica.....	284
Mediando percepções urbanas através do planeamento colaborativo rápido: o sistema de transportes da Marinha Grande durante um fórum técnico sobre mobilidade e desenvolvimento sustentável .....	295
CAPÍTULO 9. Jogos e Mediação Intercultural em Contexto Escolar .....	302
A animação sociocultural como estratégia preventiva de conflitos escolares: uma percepção dos alunos do 1º ciclo do ensino básico .....	303
Culture, arts, sport et loisir dans une politique d'éducation intégrale au Brésil .....	313
Jogos educativos de origem africana e afro-brasileira .....	323
CAPÍTULO 10. Ócio, Jogo e Desenvolvimento Comunitário .....	335
Quem canta seu mal espanta: educação social, mediação intercultural, animação e desenvolvimento comunitário .....	336
Recolha e organização de uma exposição etnológica: o lúdico e o ócio na animação e desenvolvimento comunitário .....	343
<i>Homo ludens</i> , tempo livre e animação sociocultural. O lúdico como práxis comunitária ....	351
Sobre os Organizadores.....	361

## Músicos com + de 90 anos. Estudo de caso

Ricardo Vieira<sup>1</sup>, Ana Maria Vieira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> ESECS - Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLLeiria

<sup>2</sup> ESECS - Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLLeiria

### RESUMO

Apresentamos nesta comunicação um estudo de caso em curso com músicos com mais de 90 anos (alguns com 90 anos e outros com idades entre os 50 e 80). Há mais de 20 anos que os mais velhos se voltaram a juntar para formar uma orquestra (violino, violoncelo, acordeão, saxofones, trompete, bandolim, viola e bateria) não só para fazer espetáculos para populações mais seniores, como é o caso de lares da terceira idade, mas, também, para atuar em festas comunitárias e para si próprios. O principal interesse que alimenta estes projetos de vida, pessoais e sociais, recriados sobre os projetos de infância e juventude, onde todos, ou quase todos, já haviam tocado em tunas de uma mesma aldeia (grupos diferentes das tunas estudantis contemporâneas) que se organizavam com estes instrumentos em muitas aldeias portuguesas, servindo, inclusivamente, de escolas de música, é o estarem juntos. Juntos para dialogarem, com palavras e com harmonia musical.

Após um enquadramento histórico do grupo musical e breve apresentação biográfica dos seus músicos, exploramos a importância do ócio e do prazer de tocar e viver em grupo, como ingredientes de uma vida saudável e de um envelhecimento saudável e feliz, recorrendo às narrativas etnobiográficas de um desses músicos hoje com 93 anos de idade.

### PALAVRAS-CHAVE:

Ócio; música; animação sociocultural; projeto de vida; participação social.

### O(S) CASO(S)

A orquestra em causa, “Os Rouxinóis do Arunca”, nasceu e desenvolveu-se na freguesia de Albergaria dos Doze, hoje “União de Freguesias de Santiago, São Simão de Litém e Albergaria dos Doze”, concelho de Pombal.

Os fundadores, pelos anos de 1996, estiveram, de alguma forma, ligados pessoalmente ou genealogicamente, a grupos musicais anteriores que nesta comunidade nasceram: uma primeira tuna em 1909, uma segunda em 1923 e uma terceira tuna em 1935. Nestas tunas, que pouco têm a ver com as atuais tunas de estudantes universitários, os instrumentos musicais eram, fundamentalmente, violinos, a flauta transversal, o clarinete, a violas e a viola baixo.



Tuna de 1935

No seguimento destas tunas, a comunidade viu nascer, em 1945, um novo grupo musical a que chamavam Jazz, que acrescentava aos anteriores instrumentos o trombone, o trompete, o saxofone, a bateria e o acordeão.

Nessa terceira tuna já tocava o Sr. Jacinto Gameiro Lopes, um dos fundadores dos “Os Rouxinóis do Arunca”, na altura adolescente com os seus 15 anos, e falecido aos 99 anos de idade, em 2020. Tocava vários instrumentos, mas o seu mais amado era o violino. Foi o primeiro maestro da orquestra.

No Jazz de 1945, tocavam, dos músicos que vieram a constituir os Rouxinóis do Arunca, o Sr. Jacinto Gameiro Lopes, o Sr. Afonso Malho, o Sr. Albertino Guapo e o Sr. António Freire.

Em 1998, dois anos após o seu início, a orquestra dos Rouxinóis do Arunca era constituída por Jacinto Gameiro Lopes (violino), seus filhos Jacinto Gameiro Lopes (acordeão) e Liliana Gameiro Lopes (acordeão), Mário Gameiro (bandolim), Pe. Manuel Ferreira (violoncelo), Afonso Malho Oliveira (Saxofone alto), António Freire (trombone), Albertino Guapo (trompete), Manuel das Neves (contrabaixo), Rui Freitas das Neves (bateria), António Costa Lopes (saxofone) e Ricardo Vieira (Viola).



Orquestra Rouxinóis do Arunca

Há cerca de um ano faleceu o Pe. Manuel Ferreira, com 93 anos de idade, também instrumentista de vários instrumentos musicais, salientando-se o violoncelo e o violino, tendo sido, também, o segundo maestro da orquestra e também o sr. Afonso, com 94 anos, que tocava saxofone alto. Antes já partira o sr. Albertino Guapo, que teria, atualmente, 93 anos, e que tocava clarinete. O mais velho da orquestra, o sr. Jacinto Ganeiro Lopes, ensinou música muito cedo aos filhos e filha que também integraram a orquestra dos Rouxinóis do Arunca. Foi professor de música de muitos jovens da freguesia, inclusivamente de um dos autores deste texto, já lá vão uns 46 anos. Os Rouxinóis do Arunca, neste contexto de vidas findadas, acabou por terminar pelos anos de 2016.

Esta investigação, que, cremos, culminará com a produção de um vídeo com várias entrevistas realizadas aos músicos, constitui um estudo de caso, o do grupo, mas engloba outros estudos de caso, as histórias de vida de cada um dos músicos. A metodologia usada é, fundamentalmente, a da observação participante, com entrevistas aprofundadas, biográficas e etnobiográficas (Vieira, 2009). O trabalho é, assim, muito biográfico, e também autobiográfico, na medida em que um dos investigadores acompanhou a orquestra praticamente durante todo o seu tempo de vida, 20 anos.

Muitos outros músicos integraram os Rouxinóis do Arunca, alguns jovens na casa dos 20 anos, que depois abandonaram, outros entre os 40 e os 80 anos, que se mantiveram, mas de que não será possível falar aqui, dada a limitação do texto.

Falaremos, sim, mais aprofundadamente, do sr. Freire, hoje com 93 anos de idade, que tocava trombone e que, mais tarde, face aos problemas respiratórios e por conselho do médico, abandonou esse instrumento. Mas nunca a música, nem os Rouxinóis do Arunca. O seu ouvido precioso, o seu investimento intelectual e artístico e a sua dedicação minuciosa permitiram que num curto espaço de tempo o sr. Freire passasse a tocar bandola. Preferiu a bandola ao bandolim ou ao banjo, por ter uma escala mais larga para umas mãos que já não são muito finas.

Depois criou e construiu uma mistura entre estes instrumentos, como veremos adiante, a banjolina, com que passou a tocar.

## **ÓCIO, ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

Como dissemos no resumo e como veremos mais detalhadamente nos pontos seguintes, a dimensão empírica deste texto remete para músicos aposentados que se reúnem regularmente para ensaiar conviver e viver o ócio com sentido para os seus projetos de vida. Remete também para uma animação sociocultural e para uma educação social de si e dos outros em que a (inter)cultura é vista como fator de crescimento e desenvolvimento grupal. Neste sentido, para enquadramento deste quadro teórico, vale a pena citar Rosa Mary Ytarte que assume a animação sociocultural (ASC) como

Ação educativa, própria da educação social, que se orienta até à promoção social, através da cultura, num território específico. [...] Em oposição a uma prática educativa individualizada, baseada na aquisição de conhecimentos e competências [...], a ASC apresenta-se como uma ação social de si para o coletivo e dos grupos (Ytarte, 2007, pp. 167-168).

Os fins-de-semana dos sujeitos que apresentamos, os “Rouxinóis do Arunca”, são normalmente vividos com encontros divididos entre ensaios, atuações musicais e ociosidade.

O ócio desempenha um papel importante na vida das pessoas porque ajuda-as a enfrentar com otimismo a nova situação social. Ter tempo e ser capaz de experimentar o ócio são condições que definem a “boa vida”. Mas o problema do ócio é que poucas pessoas têm cultivado as habilidades que lhe permitem utilizar o tempo livre de forma satisfatória. Os dados que se conhecem indicam que, neste grupo de população, predomina uma conceção específica do ócio entendida apenas como diversão, prémio ou, simplesmente não fazer nada. O ócio, enquanto âmbito positivo de desenvolvimento humano, é outra coisa. Os reformados que viveram com intensidade de valores próprios da cultura de trabalho necessitaram de canalizar a sua ação para novos papéis que mantenham uma forte aprovação social. A disponibilidade de tempo livre é evidente que facilita a prática do ócio, mas, [...] (Cabeza, 2013, p.159).

Isto significa que o ócio tem de ser visto como uma criação/recriação, individual e coletiva, uma busca de sentido e de novas aprendizagens para além do simples tempo livre, o tempo sem trabalho:

O ócio moderno tem sido identificado com o descanso, as férias, o espetáculo e a diversão; mas as terapias que ganham força no início do século XXI consideravam-no como experiência humana necessária capaz de proporcionar-nos autorrealização, direito e qualidade de vida. Considera que a génese do ócio moderno radica na mudança de mentalidade, na diferente conceção da vida e do mundo que nos rodeia. O ócio enquanto experiência eleita e desejada está relacionado com o mundo dos desejos, com a forma como eles foram fazendo

emergir desejos pessoais e sociais que antes não existiam, práticas e hábitos de vida que, independentemente das possibilidades, abrem caminho no tempo histórico e se convertem em objeto de desejo de uma determinada comunidade (Cabeza, 2013, pp. 159-160).

Cabeza frisa bem, nesta linha, a necessidade de formação e de educação para o ócio essencialmente para os idosos e para os que estejam próximos da aposentação. O ócio surge assim como um projeto pessoal e/ou comunitário para a criação cultural para além da simples assistência a programas televisivos ou outros. O ócio projeta novos futuros a partir de desejos pessoais e sociais que contribuem não só para a ocupação dos tempos livres, mas, também, para o desenvolvimento de si e dos outros; do desenvolvimento pessoal e do desenvolvimento comunitário.

Também Ander-Egg (2009, p. 248) sublinha bem a importância dos projetos de vida para se envelhecer sem ser velho e o papel da animação sociocultural na construção/reconstrução dos mesmos. Nas suas palavras, “as pessoas envelhecem quando já não têm projetos de vida, qualquer que seja a sua idade. Existem jovens velhos e idosos jovens [...]”. Para Ander-Egg, esta dimensão espiritual é fundamental para contrariar o inevitável envelhecimento biológico. Trata-se de “uma dimensão intangível que nos induz a descobrir o sentido com que orientamos a nossa existência. É o que nos dá a direção, o propósito e a meta, expressando um projeto de vida. Não basta viver, necessitamos de uma razão para viver” (Ander-Egg, 2009, cit. in Mendes, 2013, p. 28).

É esta dimensão intangível que manteve e mantém vivos, socialmente, estes músicos com mais de 90 anos. É esta dimensão espiritual que faz com que o Sr. Freire se continue a levantar cedo, todos os dias, com os seus 93 anos de idade, para continuar a criar, recriar, construir e reconstruir pequenos projetos materiais que enformam o seu projeto de vida. Foi o exemplo da construção da banjolina de que damos conta adiante. Trata-se dum instrumento musical planificado, criado e executado pelo sr. Freire, uma combinação de bandolim com bandola e com banjo.

É o exemplo dos ensaios semanais à sexta-feira, à noite, que reunia músicos com mais de 90, mais de 80 e, outros, entre os 40 e os 80. Este projeto semanal é simultaneamente um projeto pessoal e social de vontade de encontro e interação social, mas, também, um projeto musical que retomava músicas dos anos 20 e músicas populares mais contemporâneas orquestradas, arrançadas, ensaiadas e tocadas por estes cidadãos heterogêneos na idade, nas profissões e no estatuto social e cultural.

Reconhecidamente, a música é um fator de animação sociocultural na mediada em que, para além da aprendizagem musical emergente da sua prática, os que dela beneficiam criam e reforçam laços de solidariedade, distraem-se, sociabilizam-se, acalmam-se, tranquilizam-se, combatem o stress, aprendem a convivência, organizam-se, disciplinam-se, em prol do desenvolvimento individual e comunitário, legitimando um elevado poder artístico e social à música como atividade expressiva e como dinamizadora comunitária e intergeracional (Gomes, 2015, p. 89).

Defensor de uma cultura colaborativa e participada, assente na vivência coletiva e sublinhada na corresponsabilização de todos, Américo Peres refere, a propósito da sua conceção de animação sociocultural, que esta

deve ser assumida como uma estratégia política, educativa e cultural de emancipação individual e coletiva, assente num conjunto de práticas de investigação social, participação e ação comprometida. Um processo fundamentalmente centrado na pedagogia da proximidade e na promoção da participação consciente e crítica de pessoas e grupos na vida sócio-política e cultural em que estão inseridos, criando espaços de ação e comunicação interpessoal e comunitária (Peres, 2007, p. 17).

## **JUNTOS E COM A MÚSICA COMO ELEMENTO AGREGADOR**

O principal interesse que alimenta este projeto (Rouxinóis do Arunca), recriado sobre os projetos de infância e juventude, onde, todos, ou quase todos, já haviam tocado em tunas de uma mesma aldeia (grupos diferentes, como dissemos, das tunas estudantis contemporâneas), que serviam, inclusivamente, de escolas de música (muitos jovens aprenderam música com o Sr. Jacinto Gameiro Lopes) e de transmissores de valores e história e cultura locais, é o estarem juntos.

O ensaiar semanalmente é um momento de convívio, de ócio, de entretenimento, de atualização de notícias da comunidade. E também de “comes e bebes” para acompanhar as conversas e celebrar determinadas datas, como, tantas vezes, pelo “bolinho” (magustos de castanhas) natal, verão, arraiais da freguesia e arredores, etc.).

## **ÓCIO, APRENDIZAGENS E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E INTERGERACIONAL**

O ensaiar semanalmente é um momento de convívio, de ócio, de entretenimento, de atualização de notícias da comunidade, de aprendizagem interpessoal, intergeracional e intercultural, de lúdico, de assumir o prazer de viver juntos e, em consequência, de possibilidade de redesenhar projetos de vida individuais e coletivos que alongam o tempo de vida com qualidade e com convivialidade.

O ensaio semanal e as atuações são espaços de:

### Aprendizagem interpessoal:

Uns aprenderam a tocar novos instrumentos: António Lopes aprendeu, aos 40 anos, a ler partituras e a tocar saxofone. O seu o sogro, o Sr. António Freire, hoje com 93 anos, sabia música e tocava com os amigos de infância que viriam a voltar a juntar-se após aposentação, para fundar a orquestra dos “Rouxinóis do Arunca” e para tocar até aos “+ 90 anos” de idade. António escutava outros ensaios, mais particulares, em casa do sogro e o projeto nasceu: aprender a ler solfejo e a tocar saxofone, instrumento com que passou a acompanhar o trombone do sogro e a orquestra dos “Rouxinóis do Arunca”.

### Aprendizagem Intergeracional:

Alguns jovens, na casa dos 20/30 anos de idade, e outros não tão jovens, na casa dos 50/60 anos de idade, juntaram-se aos músicos de 80 e 90 anos. Alguns aprenderam e desenvolveram competências com os mais velhos em determinados instrumentos, saíram, foram substituídos por outros, saíram mais ricos, partilharam ideias e transmitirão as memórias vivas deste

género de grupos musicais que, provavelmente, desaparecerão e não voltarão a combater com a força da eletrónica e da música digital.

#### Aprendizagem intercultural:

Paralelamente ao encontro e diálogo intergeracional, que é, também, intercultural (Vieira, 2011), no ensino-aprendizagem de música ligeira, música tradicional, etc., e de aprender a tocar determinados instrumentos musicais, o espaço e tempo de ensaios dos Rouxinóis do Arunca foram, também, oportunidades de diálogo prazeroso sobre as histórias de vida individuais a cujas narrativas fomos assistindo, em modo de observação direta e, por vezes, mesmo, de observação direta participante. Este diálogo promoveu o conhecimento e as atitudes interculturais, a aprendizagem da escuta ativa (Vieira e Vieira, 2017), potencializou o ócio e o lúdico bem como o assumir do prazer de viver em diálogo e respeito por todos. Em consequência, potenciou o redesenhar de projetos de vida individuais e coletivos que alongam o tempo de vida com qualidade e com convivialidade (Vieira e Vieira, 2020).

### **O MESTRE DOS SETE OFÍCIOS: FAZER E TECER A VIDA**

O Sr. António Freire, instrumentista de trombone de varas e depois de bandola, como vimos, é um “homem dos sete ofícios” como se diz em linguagem popular. Sem estudos formais, profissionalmente é torneiro mecânico e serralheiro, tendo levado os seus saberes até Angola onde viveu até ao 25 de abril e de onde voltou para montar a sua nova oficina que é hoje dirigida pelo seu genro. O seu olhar milimétrico sobre as peças mecânicas que construiu ao longo da vida permitem-no ter, ainda hoje, nos seus 93 anos de idade, opiniões, sugestões e práticas rigorosíssimas não sobre mecânica, mas também sobre a aplicação da mesma a vários contextos da vida quotidiana.



O sr. Freire e o torno onde fez tanta obra. Agora também um instrumento musical.

Entendeu que precisava de um instrumento de cordas com um braço mais largo que o bandolim ou o banjo, ainda que com a mesma afinação (4 cordas, mi, lá, ré, sol, das notas mais altas para as mais graves) mas com oitava intermédia entre estes e a bandola, que não é tanto um instrumento solista. Resolveu construir o que designou de banjolina. O torno trabalhou, no metal (para fazer moldes e o aro da caixa que fixa a pele seca), e na madeira com que construiu a caixa e o braço, como veremos.

Aos 93 anos de idade, o Sr. Freire continua a levantar-se cedo e a fazer diariamente o percurso para a oficina, agora mais para responder a encomendas de si próprio. A construção da “banjolina”, ou, melhor, de duas, uma vez que ofereceu uma ao colega dos Rouxinóis do Arunca, o Pe. Manuel Ferreira, ocupou-o durante várias semanas. Tivemos a oportunidade de fotografar e filmar alguns desses momentos enquanto conversávamos sobre cada elemento do instrumento.

Na imagem seguinte podemos observar as duas banjolinhas, uma delas já com instalação de captação de som (visível a entrada do jack em que se liga o fio do amplificador) que foram projetadas, devidamente desenhadas e executadas pelo Sr. Freire.



O projeto e a banjolina do Sr. Freire

Diz-nos o Sr. Freire, numa dessas entrevistas como conversa, que levou a banjolina a uma loja de instrumentos musicais e que todos ficaram boquiabertos com o instrumento, som e afinação do mesmo. Que ninguém acreditou que tivesse sido ele a construí-lo. De resto, como sabem os músicos destes instrumentos, a corda mi, a mais fina e mais apertada parte com relativa facilidade. Parte por esforço para encontrar esse “mi” agudo mas, também, porque nas extremidades, na “pestanda” ou “trava” e na “ponte” há uma tração forte. Ora, este artífice pegou no seu torno, concebeu e realizou micro roldanas individuais para suportar cada corda na “pestanda” antes de chegarem ao aperto através de cada “tarracha”.

Adiantando algumas ideias conclusivas deste projeto de investigação em curso, podemos afirmar que o Sr. Freire é o exemplo concreto de que “nem só de pão vive o homem”. De que precisamos de ter projetos de vida ativos e com sentido para os sujeitos. De que precisamos de manter interações sociais e participação social. De que precisamos de ócio criativo para o que a música é um dos muitos instrumentos agregadores, como vimos no caso da orquestra dos “Rouxinóis do Arunca”. De que, como refere Ander-Egg (2009, p. 248), “as pessoas envelhecem quando já não têm projetos de vida, qualquer que seja a sua idade”. De que é fundamental, para um envelhecimento saudável e feliz, um ócio “relacionado com o mundo dos desejos, com a forma como eles foram fazendo emergir desejos pessoais e sociais que antes não existiam, práticas e hábitos de vida que, independentemente das possibilidades, abrem caminho no tempo histórico e se convertem em objeto de desejo de uma determinada comunidade” (Cabeza, 2013, pp 159-160).



O artífice e a sua banjolina

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ander-Egg (2009). Como envelhecer sem ser velho: a animação sociocultural como meio de dar anos à vida e vida aos anos, in Pereira, J. D. L. e Lopes, M.S. (Coords.). *Animação Sociocultural na Terceira Idade*, Chaves: Intervenção, pp 240-248.
- Cabeza, M. C. (2013). Para além do trabalho: o ócio dos reformados in Pereira, J. D., Marcelino S. L. e Rodrigues, T.M. (coords.), *Animação sociocultural gerontologia e geriatria. A intervenção social cultural e educativa na terceira idade*. Chaves: Intervenção, pp 157-177.
- Gomes, A. (2015). O animador sociocultural e a intervenção musical in Pereira, J. D. L.; Lopes, M. S. e Rodrigues, T. M. M. *O animador sociocultural no século XXI*, Chaves: Intervenção, pp 87-94.
- Mendes, D. (2013). *O Namoro na Terceira Idade: transformação de si e dos outros e envelhecimento ativo*. Dissertação de Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo, Instituto Politécnico de Leiria
- Ytarte, R. M. (2007). Cidadania e educação social. Cidadania e participação social a partir da animação sociocultural, in Peres, A. e Lopes, M. *Animação sociocultural, novos desafios*, Chaves: APAP, pp. 167-179.
- Peres, A. (2007). Animação, direitos humanos, democracia e participação, in Peres, A. e Lopes, M. *Animação sociocultural, novos desafios*, Chaves: APAP, pp. 15-25.
- Vieira, R. e Vieira, A. (2020). Envelhecimento, Trajetórias Sociais e Mediação Intercultural: Vidas Revividas e Sentidas, in *O Envelhecimento como um Todo, Livro de atas do AgeingCongress 2020*. Navarra: Thomson Reuters Aranzadi, p. 575-590.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2017). Mediações Socioculturais em Territórios Educativos in Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A. e Margarido, C. (Orgs). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*, Porto: Edições Afrontamento. pp. 29-55.
- Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*, Porto: Afrontamento.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*, Lisboa: Colibri.



## A(voz) e netos

Ana Ferreira<sup>1</sup>, Cristóvão Margarido<sup>2</sup>, Rui Santos<sup>2</sup>  
& Emanuel Margarido<sup>3</sup>

<sup>1</sup> CLDS4G – *Alvaiázere*

<sup>2</sup> ESECS - *Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPLeia*

<sup>3</sup> ESECS - *Politécnico de Leiria*.

### RESUMO

Esta pesquisa teve como meta potenciar atividades musicais como estratégias de promoção de mediação intercultural. Desenvolveram-se atividades que permitiram perceber se a música poderia servir (e de que forma) de veículo para a (con)vivência entre as crianças do Centro Comunitário S. José e os idosos do Centro Social de S. Pedro, sendo que ambos os equipamentos pertencem à Cáritas Diocesana de Coimbra.

A pluralidade de culturas que caracteriza a sociedade portuguesa pode trazer-nos um conjunto de aprendizagens positivas e benéficas para o nosso desenvolvimento e para uma melhor compreensão do outro pois “*Há uma transformação do eu sempre que se aprendem novos conhecimentos, seja na escola, seja nos diversos contextos culturais*” (Vieira e Vieira, 2016, p. 37). A mediação intercultural procura intervir mostrando a importância da criação de alternativas à resposta quase imediata para o que surge de diferente. É preciso aprender a (con)viver e não a tolerar.

Neste trabalho, que assentou num paradigma de investigação-ação, fomentou-se a interação entre crianças e idosos, utilizando a música como elemento chave de ligação/estabelecimento de pontes (Torremorell, 2008). Desta forma, os objetivos definidos para a realização desta investigação foram: perceber a importância atribuída pelas crianças e os idosos à música; criar atividades musicais para promover a interação entre as duas populações e compreender se a música serviu como ferramenta de mediação, potenciadora de mudança e transformação.

Depois de idealizar, desenvolver, observar e analisar as atividades, concluímos que a música, se constituiu inequivocamente como uma ferramenta de mediação intergeracional. Se a mediação é, entre outras coisas, um trabalho constante de partilhas culturais, de construção de pontes e fundamentalmente um processo de transformação, a música mostrou que é uma ferramenta que pode ajudar na construção de pontes, entre gerações com diferenças distintas, o que leva inequivocamente a uma maior abertura na (e à) relação com “o outro”.

### PALAVRAS-CHAVE

Música; jogo intergeracional; idosos; crianças.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o resultado das atividades que foram desenvolvidas no âmbito de um estágio curricular, no âmbito do mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social da Escola Superior de Educação e Ciências sociais do Politécnico de Leiria, no sentido de perceber se a música poderia servir (e de que forma) de veículo de mediação entre as crianças que frequentam o Centro Comunitário S. José (CCSJ) e os idosos que frequentam o Centro Social de S. Pedro (CSSP), sendo que ambos os equipamentos pertencem à Cáritas Diocesana de Coimbra (CDC).

A CDC é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que nasceu na década de 50, de vocação cristã e que tem como missão promover a dignidade humana, sendo os seus valores principais a humanização, profissionalismo, compromisso, transparência, caridade, universalidade e criatividade. Tem como principal objetivo o apoio às comunidades em questões relacionadas com a educação, saúde e religião.

As atividades que aqui se apresentam foram realizadas colocando em interação as crianças do CATL do CCSJ e os utentes do Centro de dia do CSSP. Procurámos implementar uma investigação-ação no sentido de, através do desenvolvimento de atividades, se promoverem relações intergeracionais entre estes dois grupos.

A ideia de criar um projeto musical assenta na premissa de que a música pode ser um importante veículo para a mediação intercultural pois a música “É um dos veículos de maior importância para que o homem possa manifestar, introduzir e exteriorizar emoções. Sendo assim, não é falha dizer que o poder da música no homem é singular” (Fernandes, 2008, cit in Simões 2014, p. 26). Estamos então, nesse sentido, perante uma ponte de ligação, de convergência, entre duas populações com idades e culturas distintas, potenciando a aproximação entre elas e contribuindo para uma maior abertura na relação com o “outro”. É que, de facto, “A música, muito para além da sua própria especificidade, tem a capacidade de interactuar com outras língagens e outras culturas.” (Sousa e Neto, 2003, p. 35).

A possibilidade de desenvolver esta investigação num local com estas características também permitiu que se interviesse na realidade social e provocasse mudança, bem como se explorasse e desenvolvesse novas competências pessoais, relacionais e profissionais, nomeadamente na área da música, estando assim em perfeita sintonia com a ideia defendida por Isabel Guerra: “As metodologias de investigação-ação permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes” (2002, p. 52).

Assim, os objetivos definidos para a realização deste projeto foram: perceber a importância atribuída pelas crianças e os idosos à música; criar atividades musicais para promover a interação entre as duas populações e compreender se a música serviu como ferramenta de mediação, potenciadora de mudança e transformação.

## **MÚSICA E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL**

A música, por si só, é um universo complexo, cheio de variedade e pode ser encarada de maneira diferente, dependendo de como nós a olhamos e ouvimos. Talvez por essa razão seja tão difícil definir “o que é a música?” É uma questão de resposta complexa. Como nos diz Maria do Rosário Sousa (2008) podemos sentir a música, viver a música, mas raramente pensamos na sua definição. Por exemplo, Tomas Borba e Lopes Graça falam da música como “a arte de combinar sons de modo a agradar ao ouvido para, pondo em acção a inteligência, falar aos sentimentos e comover a alma. Como ciência, a música aprecia os sons nas suas relações com a melodia, o ritmo e a harmonia.” (1999, p. 274).

A música pode ser abordada do ponto de vista intercultural, criando uma linguagem comum e facilitando a comunicação até entre as culturas mais afastadas. Maria Sousa e Félix Neto (2003), que abordam a música no processo de educação intercultural, falam-nos também das grandes dificuldades que se impunham para conseguir definir este conceito “Desde as mais complexas às mais simples definições do que se entende por música, muitos foram os autores que definiram este conceito de acordo com os meios socioculturais, através dos tempos até a actualidade” (Sousa e Neto, 2003, p. 33)

A música pode, efetivamente, ser o terceiro elemento que procura criar ligações, ajudar as partes a comunicar entre si, mostrando a riqueza de ferramentas a que mediação pode recorrer para que a tal transformação aconteça. “A intervenção social através da arte emerge como resposta a necessidades sociais, ou seja, perante os diversos problemas sociais, surge a necessidade de criar novas formas de intervenção, para promover a inclusão social de modo a fomentar a cidadania” (Magno, 2016, p. 42)

A mediação intercultural e a mediação intergeracional, apesar de terem objetivos comuns, têm algumas características particulares

A Mediação Intercultural atravessa, ou pode atravessar, se se assumir o intercultural como paradigma que rompe com o culturalismo [monoculturalismo], todas as mediações socioculturais (familiar, comunitária, pessoal, laboral, jurídica, escolar, etc.) e não está presente apenas em contextos de forte multiculturalidade (Vieira e Vieira, 2016, p. 68).

Quando falamos em mediação intercultural, percebemos que é um processo abrangente onde se procura trabalhar com um universo complexo, com uma sociedade cada vez mais heterogénea culturalmente.

Apesar de sabermos que todas as mediações intergeracionais são também interculturais, é importante abordar para este trabalho esta área de mediação designada por intergeracional.

A intergeracionalidade é uma temática que começou a ser investigada há relativamente pouco tempo, mas vemos um crescimento da importância que vai ganhando no meio académico. Cada vez mais vemos atividades, programas e projetos vocacionados para esta área e geralmente nas relações entre os idosos e crianças,

as relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e características e necessidades muito próprias, fato que enriquece a relação e motiva a continuidade da mesma (Oliveira, 2011, p. 4).

Esta aproximação das diferentes gerações deve ter em conta não só a questão temporal, como também estilos de vida, valores que cada geração tem que se tornam relevantes no contacto entre os indivíduos. As iniciativas intergeracionais procuram gerar uma consciência multigeracional e fomentar a aprendizagem cooperativa e boas práticas relacionais. A importância de promover projetos e trabalhos que procurem trabalhar com diversas gerações tem vindo a aumentar, sendo que trazem benefícios diversos:

Muitos estudos têm vindo a demonstrar que os PI [Programas Intergeracionais] são benéficos tanto para as gerações participantes como para a comunidade.

Kaplan, em 2001, desenvolveu uma investigação no âmbito da UNESCO, em que analisou vários estudos, tendo, em consequência, identificado os seguintes: (...) benefícios para as crianças e jovens: compreensão da história e da vida como um processo em curso; atitudes mais positivas em relação a pessoas de idade e ao processo de envelhecimento; maior cooperação, comunicação, tolerância, preocupação e respeito pelas limitações dos outros; aprendizagem de coisas tão variadas como artesanato, jogos tradicionais, história cultural, habilidades de artes cénicas e de horticultura, entre outros. Em termos de benefícios para as pessoas de idade, o autor apontou os seguintes: melhoria da autoestima; melhoria da saúde; comportamento menos solitário; aumento da memória; melhoria das atitudes em relação aos jovens; ligeira redução de sintomas depressivos; e reforço das habilidades para resolver problemas (Villas-Boas et al., 2015, pp. 35-36).

Foi com base nestes pressupostos de que, por um lado, as aprendizagens intergeracionais estão cada vez mais comprometidas (Pimentel, 2016) e, por outro lado, são cada vez mais necessárias (Palmeirão, 2008) que embarcámos nesta “aventura” de promoção de atividades intergeracionais/interculturais, através da música.

## **METODOLOGIA**

Os objetivos deste trabalho passaram por compreender a relação entre as crianças e idosos através da música e qual o valor que elas atribuíram a esta interação e às atividades que foram desenvolvidas para cumprir esse objetivo.

Para perceber o impacto da música como veículo de mediação entre as crianças e idosos e utilizar todas as informações recolhidas, de forma a criar ferramentas para promover estas interações, todo o trabalho realizado foi baseado nas ideias chave da investigação-ação:

[...] na investigação-acção, o investigador já não realiza a ruptura (epistemológica) através da sua não-implicação no terreno, através do seu distanciamento das produções ideológicas dos grupos implicados e dos seus interesses. Ao contrário, o investigador provoca a ruptura através da sua intervenção activa desde o primeiro momento da constituição do grupo. Para o investigador, como para os outros intervenientes na investigação-acção, o conhecimento, e, portanto, a ruptura necessária à sua produção, elabora-se no confronto entre as diferentes lógicas de acção presentes (Monteiro, 1988, cit in Guerra, 2002, p. 53)

A investigação-ação é uma abordagem prática, procura criar mudança, sendo que o investigador tem um papel ativo na investigação.

Uma das técnicas utilizadas foi a observação direta. Para poder criar as atividades para a investigação, era necessário conhecer as populações com quem se iria trabalhar. Para Burgess:

Apesar de os cientistas sociais usarem várias abordagens para estudar o mundo social – métodos experimentais, medidas estatísticas e inquérito por questionário – nenhum destes métodos pode completamente abarcar os

elementos subjectivos da vida social. Deste modo, os investigadores viraram-se para a observação e para a observação participante, por forma a terem acesso aos significados que os participantes atribuem às situações sociais. Nestas circunstâncias, o investigador apreende em primeira mão uma dada situação social utilizando a observação participante (Burgess, 1997, p. 86).

Para que os objetivos deste trabalho fossem atingidos era fulcral esta presença no terreno, conhecer as duas partes inseridas, nos seus contextos. Como refere Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, “na observação participante, é o próprio investigador o instrumento principal de observação [...] o investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa” (2012, p. 155).

Outra técnica utilizada na investigação foi a entrevista exploratória, fazendo-a a alguns dos sujeitos em estudo, de forma a perceber qual o impacto da música nas suas vidas, se existia o contacto com populações mais velhas ou mais novas, conforme o entrevistado fosse criança ou idoso, e qual a sua perspetiva sobre o outro.

## **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

Inicialmente, através de uma entrevista exploratória, procurou-se saber se os participantes nas atividades (crianças e idosos) gostavam de música, qual a importância que lhes atribuíam, com que regularidade ouviam música, o que é que pensavam sobre a música que ouviam, se tinham alguém conhecido/familiar que tocasse algum instrumento ou cantasse e se eles próprios tocavam algum instrumento musical ou gostavam de cantar. As restantes perguntas focaram-se sobre as relações intergeracionais, em que se procurava saber se tinham alguém mais velho/mais novo na família, como eram as relações com essas pessoas, se tinham contacto com pessoas mais velhas/mais novas fora do seu contexto familiar e como é que era essa relação.

No que se refere aos idosos, a grande maioria dos que foram entrevistados valorizam a música, principalmente por ser algo que lhes faz companhia e em relação às interações com crianças a maior parte deles têm ou já tiveram contacto com crianças, tanto dentro como fora do contexto familiar. No que diz respeito às crianças (foram sete entrevistadas) todas elas atribuem grande importância à música, sendo que a maior parte delas não sabe explicar porque é que a música é importante para elas. Quando se fala da questão do contacto com idosos, poucos são aqueles que têm contacto com idosos fora do contexto familiar, apesar de todos referirem que têm familiares idosos, variando depois nas respostas quando se pergunta em relação ao contacto com os mesmos.

### **Oficina Musical**

A primeira atividade, denominada “Oficina Musical teve duração de 1 hora. Esta atividade contou com a participação de sete crianças e quinze idosos.

Aquando da chegada das crianças houve uma receção calorosa por parte dos 15 idosos que participaram na atividade. A maioria das crianças, no entanto, mostrou sinais de constrangimento e criaram alguma resistência, cumprimentando os idosos, mas de uma forma muito distante, procurando de imediato ir ter com a estagiária e a animadora, procurando refúgio. Sugeriu-se que se sentassem em lugares vagos que existiam perto dos

idosos, mas apenas uma criança aceitou essa sugestão sem colocar grandes entraves, integrando-se facilmente. As restantes crianças continuaram com as suas barreiras em relação aos idosos e à interação com eles.

Depois de estarem todos nos seus lugares, começaram as apresentações musicais em que os idosos apresentaram uma música tradicional de Coimbra (chamada “Amendoeira”), tocada e cantada por eles, quando eram mais novos, nos trabalhos no campo. As crianças apresentaram uma música natalícia chamada “Broas de Mel”.

Criaram-se quatro grupos mistos para que as crianças ensinassem a sua música aos idosos e os idosos ensinassem a sua música às crianças.

No final, as crianças, que no início se mostraram mais reticentes à interação com os idosos, acabaram por perder aquela inibição inicial e a interação com os idosos acabou por ser plenamente conseguida.

### **(Re)Construção Musical**

Esta atividade contou com seis crianças e seis idosos.

A atividade consistiu na escolha de uma música popular conhecida por todos os participantes (“Alecrim”). De seguida, criaram-se alguns grupos mistos que, depois de recortada a letra da música em papel, teriam de reconstruir a música conforme se lembrassem e no final apresentar o resultado final, mesmo que não fosse igual à letra original.

Algumas crianças sentaram-se em cadeiras ao pé dos idosos e outras retraíram-se ficando mais afastadas. Constituíram-se 3 grupos mistos, com idosos e crianças. Tocou a música com que iriam trabalhar (o Alecrim) e, a pedido de todos, repetiu-se a música para tentarem fixar a letra. De seguida, os grupos juntaram-se e começaram a conversar. Desenvolveu-se uma dinâmica colaborativa muito interessante pois enquanto os idosos tentavam cantarolar a música as crianças tentavam escrever a letra e colar os pequenos pedaços de papel com a letra.

A atividade decorreu sem problemas, com uma boa interação entre ambas as partes, os grupos acabaram de reconstruir a letra e foram apresentar o resultado, sem qualquer constrangimento. Cada grupo cantou a sua letra de forma uníssona, ainda que não houvesse nenhuma letra que estivesse completamente igual à letra original. No final das apresentações tocou-se a música original para que percebessem as diferenças entre as suas letras e a letra original. Todos acompanharam alegremente a música. Foi interessante constatar que as crianças foram todas, sem reservas e por iniciativa própria, despedir-se dos idosos.

### **A(Voz) e Netos – Concurso Musical**

Esta atividade inspirou-se no programa “The Voice”<sup>21</sup>. A atividade consistiu nas crianças e idosos cantarem uma música, perante um painel de jurados misto (crianças, idosos, animadores) e, caso gostassem da prestação de quem atuou, apitavam e viravam a cadeira, tal como no programa de televisão. Se houvesse mais de um jurado a virar a cadeira e consequentemente a querer ficar com o cantor, tinham de argumentar, para que, quem

---

<sup>21</sup> Programa transmitido pela RTP e adaptado do programa original holandês “The Voice of Holland”, criado pelo produtor televisivo John de Mol, cujo conceito é o de encontrar o melhor concorrente (cantores solo, duetos ou trios, com 15 anos de idade ou mais) entre os selecionados em audições, com inscrições abertas ao público. A partir dessa seleção, os concorrentes procuram cativar o painel de jurados com a sua voz entrando no programa se, pelo menos, um dos 4 elementos do júri virar a cadeira.

cantou o escolhesse como mentor. Procurámos criar um conjunto de interações, através da interpretação destes diversos papéis, utilizando a música como ferramenta da promoção da comunicação entre todas as partes.

Os idosos deslocaram-se até ao Centro de Atividades Juvenis onde se realizou o “(A)voz e Netos”, concurso musical intergeracional. Participaram 9 idosos e 8 crianças.

As crianças chegaram muito nervosas, mas muito produzidas para a atuação. Antes de iniciar o concurso criou-se um painel de jurados para as crianças (constituído por uma das animadores e três idosos).

As duas primeiras crianças iniciaram a atividade, mas estavam muito nervosas. Quando terminou a atuação, todas as cadeiras estavam viradas para elas e os jurados falaram com elas, incentivando-as a integrarem a sua equipa, imitando a rivalidade amigável entre os jurados do programa “The Voice”. Enquanto iam decorrendo as atuações, houve a oportunidade de observar as interações que se estabeleciam entre as crianças e os idosos do público. As crianças foram cantando, alguns com mais facilidade em cantar perante o público do que outras, mas houve sempre um bom feedback das interações entre as crianças que atuavam e os jurados.

Depois de todas as crianças terem atuado, foi a vez dos idosos atuarem e, por sua vez, houve crianças a integrar o painel de jurados. Houve alguns problemas com este particular, pois todas as crianças queriam ser jurados. Começaram as atuações dos idosos, as crianças que integravam o painel de jurados iam rodando as cadeiras, dando-lhes apoio e encorajamento para continuarem a cantar. Algumas crianças, foram acompanhando as músicas que os idosos cantavam, cantando e dançando aquelas que conheciam. No final, os idosos e as crianças despediram-se de forma calorosa.

### **Canções Intergeracionais**

Esta atividade consistiu na apresentação de uma música pelos idosos e outra pelas crianças sendo que as crianças cantaram uma música previamente identificada com os gostos musicais dos idosos e os idosos cantaram uma música previamente identificada com os gostos musicais das crianças. O objetivo primordial desta atividade era o cimentar das relações entre estas duas populações, utilizando a música como ferramenta de mediação intergeracional.

Quando as crianças chegaram cumprimentaram os idosos com alguma familiaridade.

As crianças apresentaram a música “Cinderela” do cantor Carlos Paião, que os idosos acompanharam prontamente e com satisfação. Quando as crianças finalizaram a canção os idosos cumprimentaram-nas de uma forma efusiva e as crianças corresponderam bem a esses afetos. De seguida foi a vez de os idosos apresentarem a música “Tempo é dinheiro” do cantor Agir. Apesar das dificuldades sentidas nos ensaios a interpretação correu bem e contou com a participação efusiva das crianças que conheceram de imediato a música e quiseram cantar a acompanhar os idosos. Depois de terminada a apresentação das músicas, as crianças pediram para mostrar algumas danças aos idosos e os idosos cantaram uma música tradicional que, apesar das crianças não conhecerem, acompanharam com palmas. Terminada a atividade, as crianças conviveram algum tempo com os idosos e despediram-se deles.

## **CONCLUSÃO**

O trabalho realizado permitiu criar ligações, pontos de convergência entre dois grupos culturalmente distintos. Consideramos, desta forma, que os objetivos estabelecidos para este projeto intergeracional, foram atingidos. Conseguimos perceber a importância atribuída pelas crianças e pelos idosos à música; conseguimos criar as atividades musicais de forma a promover a interação entre os idosos e as crianças e conseguimos compreender se a música serviu como ferramenta de mediação, potenciadora de mudança e transformação. Podemos afirmar, de forma inequívoca, que a música foi realmente uma ferramenta útil para o desencadear de um “processo” de mediação intercultural entre os idosos e as crianças. Neste caso, a música acabou por ser a alavanca propulsora que permitiu impulsionar a comunicação e o diálogo entre estes dois grupos que, de outra forma, dificilmente iriam conhecer-se e interagir. A música funcionou, assim, como a ferramenta do processo de mediação entre as partes, a ligação entre os participantes. Desta forma estamos perante o que Félix Neto e Maria Sousa referem na sua obra ‘A educação intercultural através da música – contributos para a redução do preconceito’: “A música, muito para além da sua própria especificidade, tem a capacidade de interactuar com outras linguagens e outras culturas [...] A dimensão intercultural da música é, sem sombra de dúvida, factor de comunicação e de ligação [...]” (Sousa e Neto, 2003, p. 35).

Foi possível perceber que as interações foram melhorando, a resistência das crianças foi diminuindo e houve uma aproximação entre os idosos e as crianças. Foi, assim, possível perceber que realmente a música é algo universal, que pode aproximar até as culturas mais diferentes. Apesar de, através das entrevistas exploratórias, se perceber que o gosto pela música era algo comum aos dois públicos, não podíamos ficar indiferentes à resistência inicial das crianças perante a ideia de terem de colaborar com os idosos.

Podemos concluir que a música, se constituiu inequivocamente como uma ferramenta da mediação intergeracional na medida em que, se a mediação é, entre outras coisas, um trabalho constante de partilhas culturais, de construção de pontes e fundamentalmente um processo de transformação para todas as partes envolvidas, a música mostrou indícios de que pode ajudar na construção dessas pontes, entre estas gerações com diferenças distintas, facilitando essa aproximação das gerações, que pode levar a uma maior abertura na relação com “o outro”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borba, T. & Lopes-Graça, F. (1999). *Dicionário de música (Vol. 2)*. Porto: Mário Figueirinhas Editora.
- Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno – uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Guerra, I. C. (2002) *Fundamentos e processos de uma sociologia de ação: o planeamento em ciências sociais*. Cascais: Principia.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2012). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (5ª Edição ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Magno, C. (2016). *A música como estratégia de aumento da qualidade de vida de idosas institucionalizadas em lar residencial*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Oliveira, C. (2011). *Relações intergeracionais: um estudo na área de lisboa*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- Palmeirão, C. (2007). *O esforço do nosso tempo...* Cadernos de Pedagogia Social, 1, 125-134.
- Simões, E. (2014). *Música: a linguagem intercultural na aprendizagem* de ELE. Dissertação (Ensino de Português no 3º Ciclo do EB e ES e de Espanhol em EB e ES) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Sousa, M. & Neto, F. (2003). *A educação intercultural através da música – contributos para a redução do preconceito*. Canelas: Gailivro.

- Sousa, M. (2008). *Música, educação artística e interculturalidade: a alma da arte na descoberta do outro* (Tese de Doutoramento). Universidade Aberta: Lisboa.
- Torremorell, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.
- Vieira, A & Vieira, R (2016) “Competências da Mediação Intercultural como prática da Pedagogia Social”. In Vieira, A. & Vieira, R. *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições, 65-70.
- Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N. & Montero, I. (2015). *Elaboração de Programas Intergeracionais. O desenho do perfil comunitário*. Educação, Sociedade & Culturas, 44, 31-47.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

### **Ana Maria Vieira**

Doutora em Ciências da Educação, na área da Educação Social e Mediação Sociopedagógica e Mestre em Ciências da Educação – História e Problemas Atuais da Educação. É, atualmente, professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e Investigadora Integrada do CICS.NOVA.IPLeiria. A sua investigação incide sobre Educação Social, Pedagogia Social, Mediação intercultural, Mediação Sociopedagógica, Mediação sociocultural, Trabalho Social e Indisciplina, áreas onde tem publicado em livros, revistas nacionais e estrangeiras, e onde tem desenvolvido comunicações que tem apresentado em congressos nacionais e internacionais.

Trabalhou em Portugal com Américo Peres, professor agregado da UTAD, e em Espanha com José António Caride, professor catedrático da Universidade de Santiago de Compostela.

Endereço eletrónico: [ana.vieira@ipleiria.pt](mailto:ana.vieira@ipleiria.pt)

### **Cristóvão Margarido**

Assistente social, Mestre em Toxicodependência e Patologias Psicossociais e Doutor em Serviço Social pela Universidade Católica. Atualmente, é Subdiretor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria onde desempenha funções como Professor Coordenador do Departamento de Ciências Sociais e coordena a Licenciatura em Serviço Social. Investigador do CICS.NOVA.IPLeiria, tem desenvolvido investigação em áreas diversas como reinserção de toxicodependentes, identidades pessoais e profissionais, e formação em Serviço Social. Paralelamente, tem sido responsável pela avaliação externa de vários projetos de mediação e intervenção social, financiados por entidades públicas e privadas.

Endereço eletrónico: [cristovao.margarido@ipleiria.pt](mailto:cristovao.margarido@ipleiria.pt)

### **José Carlos Marques**

Doutorado em Sociologia. Professor Coordenador Principal do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador do CICS.NOVA.IPLeiria. Os seus interesses de investigação têm incidido sobre os fluxos migratórios portugueses, a diáspora portuguesa, a integração dos migrantes, as práticas transnacionais dos migrantes, políticas migratórias e migrações qualificadas. Nos seus projetos de investigação mais recentes tem dedicado atenção aos atuais fluxos de emigração portugueses, às práticas de discriminação no mercado de trabalho, e às expectativas e práticas de regresso dos emigrantes portugueses.

Endereço eletrónico: [jose.marques@ipleiria.pt](mailto:jose.marques@ipleiria.pt)

### **Pedro Silva**

Sociólogo, docente e investigador, tem vindo a cruzar as preocupações das sociologias da educação, da família e da infância nas suas pesquisas. O tema da relação escola-família tem constituído o cerne da sua atividade investigativa, com tradução em várias publicações, individuais e coletivas. A etnografia, a educação e mediação interculturais e as TIC constituem outros polos de interesse. Licenciado em Sociologia (ISCTE, Lisboa), Mestre em Análise Social da Educação (Boston University) e Doutor em Ciências da Educação (Universidade do Porto), é Professor Coordenador com Agregação da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIEE. Universidade do Porto) e do CICS.NOVA.IPLeiria.

Endereço eletrónico: [pedro.silva@ipleiria.pt](mailto:pedro.silva@ipleiria.pt)

### **Ricardo Vieira**

Doutor em Antropologia Social, Pós-doutor em Serviço Social, Agregado em Antropologia da Educação pelo ISCTE e Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL. No ano de 2000, foi galardoado com o Prémio Rui Grácio, prémio nacional para o melhor trabalho de investigação em Educação realizado em Portugal, SPCE.

É, atualmente, Professor Coordenador Principal da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Coordenador do Mestrado da ESECS-IPLeia, “Mediação Intercultural e Intervenção Social”, membro da RESMI - Rede de Ensino Superior em Mediação Intercultural -, Professor Decano do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador Integrado do CICS.NOVA.IPLeia.

A sua investigação incide sobre identidades pessoais, sociais e profissionais, histórias de vida e interculturalidade, mediação intercultural, pedagogia social, intervenção social e gerontologia social, matérias sobre as quais tem vários textos e livros publicados em Portugal e no Estrangeiro.

Trabalhou em Portugal com Raul Iturra, e em França com Pierre Bourdieu, François Bonvin, Monique Saint-Martin e Marie Elisabeth Handman.

Endereço eletrónico: [ricardo.vieira@ipleiria.pt](mailto:ricardo.vieira@ipleiria.pt)

### **Rui Matos**

Professor Coordenador na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (onde leciona desde 13 de novembro de 1989 - 4 dias após a queda do Muro de Berlim), da qual foi diretor entre 2013 e 2017; Doutorado em Motricidade Humana (2008) pela Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa; Mestre em Desenvolvimento Motor da Criança(1997), pela mesma Faculdade; Licenciado em Educação Física - Ramo de Formação Educacional (1989), pelo Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, atual Faculdade de Motricidade Humana; Autor de diversos livros e artigos técnico-científicos na área do Desporto; Atual subcoordenador do Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV); Revisor e elemento do corpo redatorial em diversas revistas internacionais; Escritor premiado em diversos concursos literários; autor de mais de uma dezena de livros, a maioria para um público infantojuvenil; Criador da modalidade desportiva Tripela, em 2008; Ex-treinador de futebol e de andebol; Tem como principal objeto de estudo o comportamento motor, nas componentes controlo, aprendizagem e, sobretudo, desenvolvimento.

O Ócio, o Jogo e a Brincadeira produzem aprendizagens, criatividade, reflexividades e são mediados não só por terceiras pessoas, mas também pelas circunstâncias sociais da história de vida dos implicados. Nestes processos há comunicação, consigo próprio, através da reflexão com o eu e com o outro com quem se joga ou brinca. E comunicação é mediação, seja intramediação, nessa autoconhecimento e autodefinição de si, em que a reflexão é fulcral para a definição da auto-identidade, seja intermediação com o(s) outro(s) com quem se brinca ou joga, sejam eles pares ou gerações jovens, adultas, ou mais velhas.



Centro Interdisciplinar  
de Ciências Sociais  
CICS.NOVA.IPLeiria

